

A Internet e a Volta do Cidadão à Esfera Pública

Vera C. Frossard¹

Maria Clara Dias²

Resumo

Este artigo analisa a colaboração na Internet e o seu potencial de por em curso virtudes de cooperação. A comunicação impressa contribuiu para o encolhimento dos espaços públicos, outrora necessários à circulação da informação e acabou por favorecer a cultura da intimidade. A Internet resulta em movimento oposto, i.e., na volta do cidadão à esfera pública e da exposição de seu cotidiano. Busca-se refletir se caminhamos em direção a uma sociedade mais colaborativa.

Abstract

The article analyzes the collaboration on the Internet and its potential for ongoing virtues of cooperation. Printed communication contributed to the shrinking of public spaces needed for the circulation of information and fostered a culture of intimacy. The Internet results in an opposite movement, the return of the citizen to the public sphere and the exposure of their daily lives. We search in this article to reflect on whether we move toward a more collaborative society.

Introdução

A antropomorfização de computadores é imagem recorrente em filmes de ficção. O exemplo mais famoso é o computador *HAL 9000* do filme *2001 : Uma Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick. O computador adquire sentimentos humanos e teme ser desligado, em alusão ao medo da morte. A robô do filme *Metrópolis*, de Fritz Lang (1926), e os andróides do filme *Blade Runner* (1982) são outros dois exemplos de referência. As ficções não imaginaram que o futuro remoto da informática estava na comunicação das pessoas em escala planetária. O futuro éramos nós, em rede. Novas formas de comunicação, de muitos para muitos, foram viabilizadas para o público em geral, sem a necessidade de presença física. O cidadão passou a ocupar o espaço público como autor e protagonista, ele assume o púlpito : é, ao mesmo tempo, orador e plateia de infindáveis outros oradores. A sociedade civil tem na Internet expressivo canal de comunicação e organização de suas demandas. A vida privada irrompe com vitalidade na esfera pública, principalmente por meio das mídias sociais e dos blogs, paradoxalmente

¹ Doutoranda em Bioética na Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz).

² Professora associada do departamento de filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

chamados de diários íntimos. A Internet é palco de extensa rede de pessoas interessadas em trocar informação sobre interesses comuns, expor sua opinião, adquirir conhecimento, promover ações de mobilização social. O cidadão comum ganhou poder.

Sob o pano de fundo da outrora cultura da intimidade e da atual exposição da vida privada, encontram-se a impressão e a Internet, como mídias que carregam novas formas e sentidos das expressões humanas.

A Impressão, a Cultura da Intimidade e o Individualismo

A palavra privacidade surge no século XIX na sociedade burguesa anglo-saxã (Duby 2009, 7). A Idade Média não a conhecia. Philippe Ariés (2006) demonstra, por meio de análise iconográfica da Idade Média, como as famílias dos camponeses e senhores da terra eram retratadas juntas no campo e nas festas. As portas das casas ficavam abertas e não havia indiscrição em penetrar em seu interior. A rua era um prolongamento da vida privada. A família, entre os séculos XVI e XVII, adquire novo lugar sentimental, antes estendido a toda a comunidade.

Elisabeth Eisenstein (1998) analisa o papel da impressão na construção desta intimidade e do individualismo. A impressão contribuiu para encolher os espaços de interação comunitária nas praças e ao redor das catedrais, necessários para comunicação e circulação das informações. Um público leitor, na intimidade do lar, era mais atomizado e isolado do que aquele que dependia do espaço público para se informar sobre os acontecimentos. A literatura moderna passa a ser lida na intimidade dos lares da classe burguesa, recém-letrada. Montaigne³, com seus "*Ensaaios*", é o exemplo máximo dessa literatura, "Montaigne, por assim dizer, retirou do esconderijo seu ser individual. Ele foi o primeiro a exibi-lo, de modo deliberado, à curiosidade pública" (*ibidem*, 72). O público identificou-se com tais narrativas, que pareciam revelar seus segredos mais íntimos. A prática da leitura silenciosa (a leitura dos manuscritos medievais se dava em voz alta nas praças e nas missas) para alguns autores (Manguel 1997; McLuhan 1996; Chartier 1994) lapidou a ideia de indivíduo, permitindo o surgimento de um eu introspectivo e crítico.

³ Michel de Montaigne (1533 - 1592) escritor e ensaísta francês.

Até a reunião de pessoas em festas cívicas nas ruas encontrou outras formas de representação indireta por meio da impressão de flâmulas e estampas, expostas nas janelas. O enfraquecimento dos vínculos locais teve como contrapartida a ampliação da comunicação para além da comunidade local. A impressão incentivou a adesão a causas remotas, não originadas na localidade. Surgem novas formas de identidade de grupo para além dos vínculos locais. A impressão permitiu um artefato totalmente inédito até então, a propaganda, e esta contribuiu para o culto ao personalismo em torno de figuras proeminentes da época. O rosto impresso dos líderes e dirigentes passou a circular para além dos limites locais. A impressão levou os editores a promoverem seus autores. A partir do século XV, os retratos adquirem detalhes das características individuais dos artistas que os editores desejavam vender. Junto aos catálogos de livreiros e páginas de rosto vieram também o retrato dos autores e artistas. A impressão não foi a causa única da cultura da intimidade e mudanças da era moderna, em visão determinista. Como observa Latour (1985), é válido considerar a comunicação impressa como um dos agentes das mudanças, levando em conta a “escala dos efeitos, diminuindo, porém, a das causas”.

A Internet, a Cultura *Commons* e o Enfraquecimento do Individualismo

A Internet promove inflexão em sentido contrário; ela amplia vertiginosamente a circulação do conhecimento e resulta em espaço de exposição da vida privada e em novo recurso de mobilização da sociedade civil. Ela traz de volta o povo às praças públicas. Projetos de colaboração e de valorização da informação como um bem público também são novas formas de expressão que parecem ganhar novos sentidos a partir da emergência da Internet. Benkler (2009) os descreve como cultura Comum (*commons*) e Produção Comum entre Pares (*common based peer production*). A cultura *commons* é “a produção que usa insumos de um *commons* sobre o qual ninguém tem direitos exclusivos, e que libera os seus produtos de volta para o mesmo *commons*, enriquecendo seus criadores e qualquer um que, como eles, siga os mesmos padrões de produção.” (*ibidem*, 18). A *Produção Comum entre Pares* é um subconjunto da produção baseada em *commons*. Ela exige ação coordenada entre os participantes de um projeto, de modo que não se realiza por hierarquias ou por meio do mercado, isto é, por comandos de chefia ou de

“*recompensas materiais mensuráveis em quantias definidas – como salários ou bônus*” (*ibidem*). São ações que parecem corresponder ao princípio da Dádiva e da consideração do compartilhamento de um “bem público”, a informação, o conhecimento e a cultura. A Wikipédia é um exemplo de Produção Comum entre Pares.

O compartilhamento acompanha a Internet desde o seu início e virou cultura. Trazemos a definição de cultura, proposta por Castells (2003, 34), como o conjunto de *valores* e de crenças que conformam o comportamento, os quais, repetidos, desencadeiam costumes e, assim, são reproduzidos por instituições e por organizações sociais informais. Fator primordial dessa cultura se deu em torno do compartilhamento dos algoritmos dos programas da Internet para melhorias e para inclusão de novas funcionalidades. Inúmeros softwares foram feitos por várias mãos, tirando partido da inteligência de uma comunidade de exímios cientistas da computação e *hackers*. Os sistemas operacionais UNIX e Linux, que “rodam” na maioria dos servidores de Internet, foram feitos por essa comunidade. Outros softwares, cujos autores comungam dos ideais de compartilhamento e de acesso livre à informação, agregaram funcionalidades imprescindíveis para o atual cenário de interações e de trocas na Internet: *World Wide Web* (forneceu interface gráfica e hipertextual); Wiki (permitiu a coedição de texto) o sistema de RSS (*feed* de notícias); tecnologia *Peer to Peer*, conhecida como P2P (tornou cada computador residencial em potencial provedor de informação); os blogs (diários íntimos). Quando a Internet comercial entrou em cena e suas funcionalidades de comunicação foram estendidas para além dos muros das universidades, a cooperação e o livre acesso à informação já eram práticas comuns.

No vertiginoso mar de textos, imagens e vozes, diariamente expressas na Internet, a individualidade, criada em torno do indivíduo livre, racional e autônomo, se dilui ou se fortalece? Esta pergunta faz sentido para reflexão sobre a ideia de que a cultura *commons* pode potencializar formas mais cooperativas de estarmos em sociedade.

Para Maffesoli (2012, 16), a pós-modernidade é caracterizada pelo *despedaçamento* do indivíduo; é a emergência do eu plural. São “tribos” pós-modernas que compartilham gostos e interesses comuns e ultrapassam o indivíduo, fortalecem o corpo coletivo. No entanto, o indivíduo nunca se expôs tanto. A exposição adquire caráter performático. Na teatralidade cotidiana das redes sociais, o que importa é o

pertencimento, o estar em contato, “um *imaginário comunitário se cria*” (*ibidem*, 45). Comportamentos de generosidade se expressam de várias formas como apoio ao outro, “*O que prevalece é a pulsão comunitária, que induz o outro a ser como o outro, a pensar como o outro*” (id, 101). Maffessoli recomenda atenção às redes sociais na Internet. “Pode se dizer que gorjeia a linguagem dos pássaros, a razão não está ausente, mas a emoção desempenha papel primordial” (*ibidem*, 39).

Castells (2003, 108), ao contrário, defende a ideia de que a Internet é um suporte material para um novo tipo de individualismo em rede. Instaura-se novo sistema de relações sociais centrado no indivíduo. São comunidades corporificadas em redes egocentradas. Na visão desse autor, não é a Internet que cria o individualismo em rede, mas ela é o suporte para esta forma predominante de sociabilidade de indivíduos não isolados, que montam suas redes de preferência, valores, projetos, seus “portfólios de sociabilidade” *on-line* e *off-line*. O individualismo em rede teve termo a partir da relação entre trabalhadores e o processo de trabalho na empresa de rede, do enfraquecimento da família nuclear e com a crise de representatividade entre cidadão e Estado, cujo efeito foi o retraimento do cidadão da esfera pública. Castells, apesar de pontificar o triunfo do individualismo, observa a obscuridade dos efeitos desta sociabilidade em rede e indaga se estamos diante de novo padrão de interação social com potencial de criar uma nova forma de sociedade em rede.

Maffessoli e Castell descrevem, da mesma forma, o fenômeno de novos agregados sociais na Internet em torno de escolhas e preferências; porém, um enfatiza a diluição do individualismo, e, outro, vislumbra seu fortalecimento.

Fenômenos de comunicação de muitos para muitos e de ações de colaboração em larga escala na Internet reavivam preocupação de Tocqueville, que cunhou o termo “individualismo”. Preocupava-o a retirada do indivíduo da esfera pública. Ele descreveu o termo individualismo como a indiferença das pessoas aos que lhe parecem diferentes. Sennet lança a questão : *poderia ter a cooperação um peso maior nos dias de hoje?* E observa que esta mesma pergunta foi feita por Toucqueville há dois séculos (Sennet 2012, p 232).

Poderia Ter a Cooperação um Peso Maior nos Dias de Hoje?

A partir da era moderna, o termo autonomia passa a aludir ao indivíduo, à sua racionalidade, para julgar e para escolher; trata-se de conotação distinta da autonomia grega, que dizia respeito à polis. O ser humano moderno “desce do altar”; o mundo não gira mais ao seu redor. Ele perde a orientação transcendental normativa, característica do mundo teocêntrico da idade média, e conquista a razão, a liberdade. Agora, é preciso resgatar a preocupação sobre o significado do que é o bem, qual a conduta moral a seguir. Em Kant, delinea-se o marco principal através do qual a moral é associada ao indivíduo racional e ao livre exame do que é correto, do que é justo e do que é bom, por meio de sua autonomia, de sua capacidade de autodeterminar-se, o que constitui expressão de sua liberdade.

Ao emergir o indivíduo autônomo e racional, a modernidade instaurou uma tensão entre a autonomia pessoal e os direitos individuais, por um lado, e direitos coletivos, por outro. “Da maneira como estes dois tipos de princípios e direitos forem equacionados, depende o tipo de sociedade vigente: individualista ou libertária, por um lado, coletivista ou socialista, por outro. (...). Em suma, o equacionamento representa o maior desafio moral e político atual, pois consiste em pensar e construir um tipo de sociedade democrática e pluralista capaz de garantir, ao mesmo tempo, as liberdades e a justiça, respeitosa das diferenças individuais e das identidades comunitárias e coletivas (...)” (Schramm 1998).

Como são equacionados estes dois polos? Alguns autores apontam para as consequências da cultura da Intimidade e da emergência do indivíduo moderno, autônomo, racional e livre, porém, desamparado e isolado.

Bauman, em *sua* Modernidade Líquida, diz que a modernidade, ao liquefazer os valores comunitários tradicionais - *as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros, e as obrigações que atavam pés e mãos* (2001, 10), solidificou nova *racionalidade instrumental*, permeável apenas à lógica econômica. Esse efeito não surgiu pela força, pela ditadura, pela escravidão; muito pelo contrário, surgiu pelo nascimento do indivíduo autônomo, pela liberdade dos agentes (*ibidem*, 12). O tempo curto, a velocidade, a

flexibilização e a fluidez dos mercados cuidam para que os agentes livres se mantenham desengajados e isolados.

Richard Sennet, em seu livro *A Corrosão do Caráter* (2008), aponta para a alteração que o *ethos* sofreu a partir da emergência do espaço privado na modernidade. O caráter, isto é, “[...] o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros” (*ibidem*, 10), deu lugar à preocupação com a personalidade, a um voltar-se para si, ao narcisismo. A outra face da moeda é a complacência, a tendência de deixar as coisas exatamente como estão, não se envolver com ações e sim com sensações e sentimentos. Esta retirada individual parece uma receita certa de complacência: contamos com aqueles que se parecem conosco e simplesmente não nos importamos com os que não se parecem: [...] O individualismo e a indiferença tornaram-se gêmeos” (Sennet 2012, 230). Jurandir Freire Costa (1999, 44) complementa tal ideia: a cultura da intimidade, “ao deslocar o centro da identidade pessoal do público para o privado, faz vacilar o julgamento sobre o que é permitido, principalmente com relação ao comportamento sexual”. O efeito disso é a falta de parâmetro sobre a moralidade, sobre o que é considerado certo e errado, daí resulta necessidade de profissionais que orientem as pessoas sobre a normalidade psicológica. O outro não inspira colaboração e sim instrumentalização. O outro representa massa anônima “sem rosto, raízes ou futuro comum” (*ibidem*).

O homem moderno é mais desamparado que seus antepassados, diz Milton Santos, pois a sociedade da informação lhe tirou o direito de se informar, uma vez que a informação tem centro de poder. Os aparelhos de Estado e os grupos econômicos hegemônicos fazem a triagem do que irá circular seguindo seus interesses (2012, 157).

Na Internet, os atores do centro do poder também utilizam a rede; porém, as brechas para novos atores da sociedade civil estão postas. Daí advém seu caráter inovador, ao viabilizar novas formas de politização. Várias expressões são designadas para descrever e entender a colaboração na Internet: Teoria da Dívida (Máximo, 2007; Rheingold, 1996), em alusão ao trabalho do sociólogo Marcel Mauss nos anos vinte ao analisar o sistema de trocas em sociedades arcaicas caracterizadas pelo dar-receber-retribuir; as já citadas cultura comum (*common*) e produção comum entre pares (*common based peer production*) (Benkler 2006); inteligência coletiva (Levy, 2007); cultura livre

(Lessig, 2006). Todas essas expressões referem-se à perda da centralidade da informação, à multiplicação de suas fontes de produção, à natureza ubíqua de sua circulação em rede, à *produção de bens simbólicos*⁴, que parecem tirar sua expressão máxima das formas associativas e colaborativas entre pessoas para apoio mútuo (vide as diversas redes de apoio social em torno de doenças) e da produção de conhecimento e de cultura. De certo modo, o modelo neoliberal sabe tirar proveito das redes a partir de novas formas customizadas de propaganda e da captação de desejos e de interesses dos consumidores. Porém, as formas como o cidadão se associa e colabora são fenômenos inéditos na história até então. Sennet observa o poder de convocação da Internet às praças públicas: “o efeito político mais poderoso da comunicação online é quando estimulam ações fora da tela, quando mostram a ação em andamento e lançam a convocação urgente: Estejam lá” (2012, p. 38). As mobilizações populares no norte da África, no Oriente Médio e, recentemente, no Brasil são exemplos desse fenômeno. O governo do Egito, ao perceber o uso das mídias sociais na convocação dos manifestantes, cortou a conexão à Internet em todo o país, o que fortaleceu sobremaneira o movimento de revolta (Souza 2012, p. 65). A Internet estendeu o tapete vermelho para novas formas de mobilização da sociedade civil, em instâncias institucionalizadas ou não, e resulta em *empoderamento* de grupos e de pessoas.

Considerações Finais

A Internet, metaforicamente, trouxe o povo de volta à praça pública, à comunidade local, com alcance global. Benkler e Nissenbaum (2006), ao analisarem a colaboração na Internet, aludem ao desenvolvimento de conjunto de virtudes; autonomia, generosidade e altruísmo, sentimento cívico e responsabilidade perante o coletivo. Demo (2010) alude à Habermas e à Ética do Discurso, ao analisar o processo de inclusão e edição dos verbetes na Wikipédia e a promoção do consenso qualificado, o espaço democrático em que emerge a força do argumento. Cidadãos se articulam em torno de objetivos e de princípios, e exercem o que Charles Taylor (*apud* Benkler e Nissenbaum, 2006) designou como a virtude da liberação (*virtue of liberation*), ou seja, eles dirigem

⁴ Conforme expressão de Wisnik (2011).

suas vidas, fazem escolhas, libertam-se da dominação dos outros e de mecanismos sociais, dos quais não se tem controle e não se pode transformar, “Pessoas trabalham em cooperação com outros para produzir algo de valor para todos” (ibidem). Seguindo de perto as considerações de Amarty Sen e sua Teoria das Capacitações, podemos deduzir que a Internet potencializa o bem-viver, uma vez que amplia nossa “capacidade de realizar funcionamentos valiosos que constituem nossas vidas e mais genericamente, nossa liberdade para promover objetivos aos quais temos razões para atribuir valor” (Sen 2012, p. 24).

Para (não) concluir, podemos compartilhar com Boa Ventura Souza Santos (2009, p. 41) o pressentimento de que “há um desassossego no ar. Temos a sensação de estar na orla do tempo, entre um presente quase a terminar e um futuro que ainda não nasceu”. Ou, ainda, refletir, com Mafessoli (2012), que há uma “vitalidade irreprimível, às vezes desordenada, na certa perigosa, mas sinal claro do que Foucault chamava de mudança de episteme, isto é, mudança das maneiras de dizer e de organizar sua época.”

BIBLIOGRAFIA

- Ariès, P. 2006. *História Social da Criança e da Família*. 2ª edição, Rio de Janeiro: LTC.
- Bauman, 2001. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- Benkler, Y. 2009. *Saber comum: produção de materiais educacionais entre pares*. Revista FACED, Salvador, n.15, jan./jul.
- Benkler, 2006. *The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom*, Yale University Press. http://www.benkler.org/wealth_of_networks (Acesso em 16/04/2011).
- Benkler, Y; Nissenbaum, H. 2006. *Commons-based Peer Production and Virtue*. The Journal of political Philosophy. Volume 14, Number 14, pp. 394-419.
- Boaventura, Souza Santos. 2009. *A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Ed. Cortez.
- Castells M. 2003. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Castells, M. 2000. *O poder da Identidade*. Ed. Paz e Terra.
- Charles Taylor. 1996. *The diversity of goods*, Moral Philosophy: Selected Readings, ed. George Sher, 2nd edn, New York: Harcourt Brace, 581–93.

- Chartier, Roger. 1994. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UnB.
- Costa, J.F. 1999. *Razões públicas. Emoções privadas*. Ed. Rocco.
- Demo, P. 2010. *A força sem força do melhor argumento. Ensaio sobre novas epistemologias virtuais*. Brasília: IBICT.
- Ribeiro, C. D. e Dias, M. C. *Saúde e doença `a luz da perspectiva dos funcionamentos*, em: Dias, M. C. (org) *A Perspectiva dos Funcionamentos: em defesa de uma abordagem moral mais inclusiva*. Citado a partir do manuscrito.
- Duby, G. 2009. *História da vida privada*. Duby (org). São Paulo: Companhia das Letras.
- Eisenstein, E. 1998. *A revolução da Cultura Impressa: os primórdios da Europa moderna*. São Paulo: Ática.
- Frossard, V. C. 2011. *Emprendendo esforço para concretizar políticas públicas e temas de pesquisa em saúde pública no Brasil*. In: Anais do V Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde. São Paulo.
- Frossard, V. C. 2000. *Tipos e Bits: A Trajetória do Livro*. In *O Sonho de Otlet: Aventuras em Tecnologia da Informação e Comunicação*. Rio de Janeiro/Brasília: IBICT. pp 47-73.
- Latour B. 1985. *Les vues de l'esprit*. Culture Technique, s.l., n.14., pp5-29.
- Lessig, L. 2004. *Cultura Livre*. Penguin Press, New York. <http://www.free-culture.cc/> (Acesso em abr. de 2011).
- Levy, P. 2007. *A Inteligência Coletiva*. Edições Loyola.
- Maffesoli, M. 2012. *O tempo retorna: Formas elementares da pós-modernidade*. Forense Universitária.
- Maffesoli, M. 2010. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4a edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maximo, M. E. 2007. *O eu encena, o eu em rede: um estudo etnográfico nos blogs*. Civitas, Revista de Ciências Sociais, v. 7, n. 2, jul.-dez.
- McLuhan, Marshal. 1996. *The Gutenberg galaxy: the making of typographic man*. Toronto: University of Toronto Press.
- Milton, S. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Ed. USP, 2012.
- Montaigne. *Ensaio*. <http://www.gutenberg.org/ebooks/3600>. (Acesso: dezembro de 2011).
- Schramm, F.R. 1998. *A autonomia difícil*. Revista de Bioética 6(1). Bioética e Saúde Pública.
- Sen, A. 2012. *Desigualdade Reexaminada*. Rio de Janeiro: Ed. Record.
- Sen, A. 2000. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sennet, R. 2012. *Juntos*. Rio de Janeiro: Record.

Sennet, R. 2008. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro. Record.

Souza, C.A. 2012. *Direitos autorais e regulação da internet*. In: *TIC Domicílios e Empresas: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de comunicação no Brasil*. São Paulo:CGI-Br. <http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf> (Acesso em Jun. de 2013)

Tugendhat, Ernest. 2010. *Lições sobre Ética*. Petrópolis: ed. Vozes, 8a edição.

Wisnik, JM. *Ministério é Cultura*. O Globo. Rio de Janeiro: 19 de fevereiro de 2011. Segundo Caderno.